

## Vida retilínea

. . . \* . . .

Não existem muitas verdades duradouras, mas ninguém questiona que a menor distância entre dois pontos é a linha reta. Quem quer seguir essa retidão entre nascer e morrer?

O rio que tenha seu curso retificado não é mais digno do nome: transforma-se em canal. O verdadeiro e original segue uma linha curva rumo ao mar. Ora à esquerda, ora à direita; um barranco aqui, um monte de areia acolá. Um tronco de árvore caído na beira, como que pedindo que o rio o leve ao mar. Por vezes mudam-lhe o nome: um rio chamado Peixes pode assumir outra identidade: Doce, Claro ou ainda optar por um nome tupi, com o sufixo açu. Raso, profundo, tranqüilo ou nervoso; sempre tinho. Somos todos como o rio: uns mais lentos, outros cheios de correntezas; alguns são ribeirões, mas existem poços estagnados, riachos alegres, rios de água limpa e outros turvos. Cachoeiras precedidas por correntezas, logo abaixo transformadas em calmaria, como se a água cansasse da folia. A linha curva passa por onde quiser, encontrando sua razão de ser na sua própria liberdade: como as aves no céu, as embarcações no mar, e porque não, todos nós na vida.

A linha reta é limitada pelas suas próprias regras, por seus próprios binários, que a impedem de desviar-se.<sup>1</sup> Sempre que gastamos o capital de saúde retificamos um pouco mais nosso rio: os perdulários com a saúde transformam-se em canais retilíneos. Sendo a reta a menor distância entre dois pontos, apressam sua passagem pela vida.

Mas o que torna o curso de vida retilíneo? A falta de investimento no capital de saúde, os saques frequentes para custear a inatividade física, o fumo, o excesso de álcool e a vida cheia de riscos. Também o prato sempre cheio, a preguiça desmedida, a soberba, as opções equivocadas ou a ausência de decisões e até mesmo a falta de sorte. A jovem princesa inglesa, a Sissi do século XX, morreu pela má sorte de estar sendo conduzida, à frente, por um motorista alcoolizado, tendo atrás de si fotógrafos enlouquecidos. Não fosse a Guerra Civil Espanhola, García Lorca poderia ter escrito mais. Sem a tísica, Noel Rosa cantaria outros apitos de fábrica. Que má sorte a de Gardel naquele avião traiçoeiro. O destino, se destino houver, quebrou o carro de Ayrton e o jogou com desdém no muro! A falta de sorte, e quem sabe o destino, podem quebrar o lacre do capital de saúde e fazer com que se esvaia rapidamente. Contudo, os fatores que mais contribuem para a ganância do capital de saúde não devem ser tributados ao azar ou apenas aos atos, mas principalmente aos atores. É o comportamento que deve ser questionado.

Houve época em que pouco se conhecia sobre a origem das doenças. No vidro retrovisor da história observa-se Hipócrates propondo: “O que o remédio não cura, ferro cura; o que ferro não cura, fogo cura, o que o fogo não cura é incurável”. No passado distante acenderam-se fogueiras para combater

---

<sup>1</sup> Uma bela discussão entre linha reta e curva pode ser encontrada. De Masi D. Criatividade. Rio de Janeiro: Sextante; 2003

epidemias. A peste negra que, em 1665 matou quase a metade da população de Londres, só foi extinta pela morte dos ratos contaminados e suas pulgas de estimação, com o Grande Incêndio que quase destruiu a cidade, em 1666. Ao longo dos anos o homem aprendeu a evitar e controlar doenças, o que não significa que se possa hastear a bandeira da vitória. Mesmo a tuberculose, que havia recebido um “cartão vermelho” dos medicamentos que destroem o bacilo causador, está de volta. Cada vez mais animada.

A história da mortalidade no parto é ilustrativa. Gilberto Freire, em seu monumental “Casa Grande e Senzala” considera, como um dos motivos pelos os quais os senhores portugueses aprenderam o caminho das redes das índias e da senzala das negras, a escassez de mulheres nos primórdios da colonização no Brasil. As senhoritas e damas não se sentiam motivadas a abandonar a vida de Lisboa, Porto, ou Coimbra para viver na terra quente e úmida, suja e pouco hospitaleira. Também é verdade que muitas das que vieram morreram ainda adolescentes, no primeiro parto. Não era uma característica da colônia, mas uma rotina no mundo: a febre puerperal não respeitava beleza, idade ou *status*. No decorrer do século XIX a mortalidade de mulheres e seus filhos continuava vergonhosa, mesmo em Viena, centro de desenvolvimento e cultura. A mortalidade por febre puerperal era estimada em 20% dos partos, ou seja, uma em cada cinco mulheres não saía viva da maternidade. Curiosamente, morriam mais nas enfermarias onde os partos eram realizados por médicos, do que naquelas onde parteiras e estudantes atuavam. Esta constatação, entre outras, levou Ignác Semmelweiss (1818-1865), médico húngaro que trabalhava em Viena, a propor que a diferença devia-se aos médicos envolvidos com autópsias de mortos por doenças infecciosas, que, sem lavar as mãos, realizavam partos de mulheres até então sadias. As mãos sujas eram o veículo da febre. Como era húngaro, e passou

a criticar médicos austríacos, chegou a ser desdenhado. A contundência de suas opiniões obrigaram-no a retornar a Budapeste. Tornou-se um homem irado. Escrevia cartas aos antigos colegas de Viena, seus detratores, acusando-os de massacre e homicídio. Comenta-se, como prova da loucura que contribuiu para sua morte, que corria pela ruas de Budapeste gritando: “lavem as mãos, lavem as mãos”.<sup>2</sup>

Este é apenas um exemplo de como a origem das doenças foi escancarada. O que era atribuído à artimanhas do destino, passou a ser notícia de jornal, assunto de revista popular e tema de programas de televisão. É quase impossível ao homem urbano da atualidade desconhecer a lista principal do que “faz bem” e o que “faz mal”. O fumo resistiu durante anos, mas já foi desmascarado. O álcool, o sedentarismo, o comportamento de risco, são facilmente reconhecidos como coisas do “demo, ranheta ou dito cujo”.<sup>3</sup>

Se o mal é conhecido, por que dele não se livrar e assim manter as curvas do rio? A persistência dos comportamentos promotores de doença ajuda a retificar e a transformar o rio num canal retilíneo, diminuindo a distância até o fim. Não apressa a chegada a um porto seguro; conduz, com ligeireza, a uma tempestade, com ondas traiçoeiras e vento perverso.

---

<sup>2</sup> Scliar M. *A paixão transformada*. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.

<sup>3</sup> Denominações dadas por Guimarães Rosa a Satanás, no Romance Grande Sertão Veredas.